

## A MISSA PASSO A PASSO

### Esclarecimentos prévios

- 1) Desde os tempos apostólicos, a Igreja (a assembleia dos que professam a fé no Cristo, morto e ressuscitado) é convocada, no dia do Senhor (Domingo), para celebrar a Eucaristia.
  - Não vamos, portanto, à Missa por nossa iniciativa, mas somos convocados para louvar e dar graças ao Pai, por Cristo (que se entregou por nós), no Espírito Santo.
    - Daí, a importância que devemos atribuir à saudação inicial do Presidente, a que toda a assembleia responde «Ámen!». Estamos reunidos «em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo».
- 2) Não vamos à Missa para cumprir um preceito – seria fraco motivo; poderíamos dizer, mesmo, que este motivo, só por si, representaria uma desconsideração para com Deus.
- 3) A Eucaristia – a convocação para a Eucaristia e a participação nela – é o sinal, por excelência, distintivo dos cristãos.
- 4) Não vamos à Missa por necessidade psicológica, mas por exigência da fé; ou seja, por uma questão de identidade (sem a Missa não seríamos mais nós próprios, isto é, cristãos).
- 5) Não vamos sequer à Missa por uma necessidade estritamente pessoal de recarregar baterias, embora elas, na verdade, sejam recarregadas.
- 6) A Missa não é uma devoção privada (não vou à minha missa); é uma partilha comunitária da mesma fé (a Missa é o mais elevado e fundamental sinal da comunhão dos crentes: comunhão entre si e comunhão com Deus – Uno e Trino).
- 7) A Missa, portanto, não é em primeiro lugar nossa. Nela é Cristo que se oferece em sacrifício de acção de graças (eucaristia) ao Pai, e nós unimo-nos a Ele neste gesto vital e significativo. Por isso, a celebração deve ser simples, o que não quer dizer fácil. Exige um salto da fé para o campo do mistério. Porque não é algo que venha de nós; vem de fora de nós. Vai de Cristo para o Pai e, nesse movimento, Ele (Cristo) envolve-nos a nós e oferece-nos ao Pai juntamente com Ele. Os gestos, as palavras, os textos, as orações, os cânticos têm de ser significativos e agradáveis a Deus e de acordo com a realidade e a densidade do mistério que celebramos juntamente com Cristo. Trata-se de, fundamentalmente, agradar a Deus e não à nossa sensibilidade. Há gestos, palavras e cânticos que poderão ser muito agradáveis à nossa sensibilidade, mas que podem não passar de mero folclore e estarem pouco de acordo com o que estamos a celebrar.

### Missa – 4 etapas a percorrer → o caminho do amor sponsal (entre nós e Deus)

- 1) O primeiro encontro

A nossa aproximação hesitante, tateante, fruto da nossa tomada de consciência da distância que nos separa de Deus, por causa das nossas limitações e fraquezas (sabemos quem somos nós e pressentimos quem é Deus) – é a **liturgia de abertura** (os ritos iniciais – de apresentação mútua, do nosso pedido de perdão e de purificação, para podermos estar ao pé d'Ele e gozar da Sua presença). E é, também, o momento de cativação por parte de Deus em relação a nós.
- 2) O segundo momento – o do confronto (o face a face).

Deus interpela-nos por meio da Sua palavra (expõe as suas exigências e dá a conhecer as suas promessas e pede, também, a nossa resposta) – é a **liturgia da Palavra**.
- 3) O terceiro momento – o da conversa íntima (o coração a coração).

Aqui já não há, propriamente, discurso. Só a linguagem de amor da oração, coração a coração. Neste momento, já não se procede a análises e grandes reflexões. Procura-se, antes, a sintonia entre o nosso coração e o coração de Deus – é a **liturgia eucarística** (propriamente dita), designadamente a **oração eucarística**.
- 4) O quarto momento é o auge do encontro – **a comunhão (o boca a boca, verdadeiramente o corpo a corpo).**

Neste momento, tocamos o próprio corpo do Senhor e Ele toca o nosso corpo (comemos o Seu corpo, bebemos o Seu sangue). Tornamo-nos um só com Ele.

Assim, temos, de facto, o caminho do amor esponsal entre nós e Deus (tal como no verdadeiro amor humano: **conhecer-se, confrontar-se, falar coração a coração, tornar-se uma só carne.**

### **Vamos à Missa**

#### **Preparação imediata para a celebração eucarística**

- 1) Fazer a passagem da situação de rua para a nova situação de assembleia reunida à volta de Cristo.  
Não tanto esquecer ou cortar com as preocupações da vida concreta que é a de cada um de nós, mas, antes, colocar essas preocupações no seio de Cristo, à maneira de oração de oferenda e sentir a comunhão com os irmãos reunidos em assembleia. No fundo, passar da vida corriqueira ao encontro com Cristo, da vida individual ao encontro com a comunidade.
- 2) Sintonizar o pensamento e o espírito com o tempo litúrgico ou a festa litúrgica que se celebra naquele dia.

#### **Estrutura da Missa**

##### **Cântico de Entrada**

Deve ser sentido como elemento congregador da assembleia e marcar o sentido da celebração do dia.

A Missa começa, verdadeiramente, quando todos, de pé, esperam a entrada do presidente da celebração.

##### **A reverência ao altar**

O altar é o sinal de Jesus Cristo presente no meio da comunidade (daí a importância da inclinação perante ele e do beijo do(s) celebrante(s)).

##### **Sinal da Cruz e saudação inicial**

«*Em nome do Pai...*» - significa, precisamente, em que qualidade e em nome de quem a assembleia está reunida.

De seguida, a saudação inicial do presidente exprime a presença de Deus (Uno e Trino) no interior da assembleia: «*A graça de N.S.J.C....*»; a que a assembleia responde: «*Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo*».

É uma forma ritual com poucas variantes, porque não é uma saudação de mera cordialidade humana, mas realizada em nome de Deus. Trata-se de um diálogo de amor entre Deus e o homem – de Deus que vem até nós para nos elevar até Si.

##### **Acto penitencial**

Todavia, este diálogo de amor parte da verdade. Aliás, qualquer diálogo de amor deve partir da verdade daqueles que se amam. Reconhecemos que, apesar de Deus nos abrir o Seu coração, há uma distância infinita entre nós e Ele. E, por isso, realizamos, logo de início, um acto penitencial.

Não é um exame de consciência. É um momento de silêncio, de preparação do coração e da mente para o mistério a celebrar e de reconhecimento do poder salvífico de Deus.

##### **Glória**

De repente, a atmosfera de penitência dá lugar à alegria exuberante; podemos dizer, mesmo, estrondosa. Na celebração opera-se uma reviravolta. É o canto da reconciliação, a aproximação entre o céu e a terra, entre Deus e o homem.

Hino trinitário, por excelência, porque nesta explosão de alegria e louvor somos envolvidos pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo.

##### **Oração Colecta**

A oração colecta encerra esta fase dos primeiros contactos entre nós e Deus.

É uma oração em que o presidente, interpretando os sentimentos, os desejos e a vontade da assembleia, colige tudo isso numa única prece e dirige-a a Deus, em nome dessa mesma assembleia, a qual responde «*Ámen*», expressando a sua adesão plena ao que as palavras exprimem.

##### **Liturgia da Palavra**

- No diálogo entre Deus e o homem, Deus fala sempre em primeiro lugar. Na realidade, só Ele é capaz de tomar a palavra. A nós compete-nos, apenas, replicar, responder.

- Em cada Domingo, são colocados perante nós alguns dos aspectos marcantes da obra salvadora de Deus na história dos homens. A liturgia da Palavra assinala e concretiza o ritmo do ano litúrgico que percorre os passos decisivos da história da Salvação. Daí, a importância de as leituras serem bem captadas por todos.

- A liturgia da Palavra articula os 2 Testamentos e, por isso, à excepção do Tempo Pascal, a 1ª. **Leitura** é sempre do **Antigo Testamento** e a 2ª. **Leitura** do **Novo Testamento**. E, em todos os casos, a 3ª. Leitura é sempre o **Evangelho** (escolhido entre os 4 evangelhos canónicos). No Tempo Pascal, a 1ª. Leitura é dos Actos dos Apóstolos, revelando as consequências da ressurreição de Cristo, nomeadamente no que diz respeito ao surgimento e edificação progressiva das primeiras comunidades cristãs (a Igreja).

- As **2 primeiras leituras** escutam-se na posição de sentado (atitude de quem ouve atentamente), assim como o Salmo responsorial à 1ª. Leitura.

- O **Salmo responsorial** é um elemento lírico, poético, de resposta à palavra de Deus que acabámos de escutar. E essa resposta não deriva dos nossos sentimentos espontâneos, veiculados por palavras próprias, mas é feita com palavras que nos vêm da própria Escritura. Resulta da tradição da oração do povo de Deus, que é de inspiração divina (é o Espírito Santo que reza em nós, “com gemidos inefáveis”, como diz S. Paulo).

Por meio dos Salmos, a nossa resposta, a nossa oração, encontra-se em harmonia com a palavra de Deus. Rezando os Salmos, entramos na oração de Jesus. São, aliás, as mais belas orações que podemos rezar. Por eles, escapamos ao isolamento do eu, para que se faça a vontade de Deus.

- Ao **Evangelho** é dado um relevo especial:

- Colocamo-nos de pé, para ir ao encontro de Cristo;
- É introduzido por uma aclamação própria (Aleluia, normalmente; excepto na Quaresma). De qualquer forma, é sempre uma aclamação a Jesus Cristo;
- É proclamado por um ministro próprio – diácono ou presbítero;
- Inicia-se com uma saudação que as outras leituras não têm;
- Faz-se o sinal da Cruz;
- Nas Missas mais solenizadas, incensa-se o evangeliário ou leccionário;
- Beija-se após a proclamação.

- No Evangelho, é o próprio Jesus Cristo que nos fala (Deus, na pessoa do seu Filho). Ao passo que a mensagem das outras leituras, embora seja palavra de Deus, é-nos comunicada por um Seu intermediário (profeta, apóstolo...).

- Ao escutar o Evangelho, devemos descobrir ou captar nele a passagem, a expressão ou palavra que entendemos nos é destinada pessoalmente e que deve ecoar em nós durante toda a semana.

- Na Homilia, que se segue, o celebrante tratará de sublinhar aquilo que o Senhor quer dizer ao conjunto da comunidade reunida; mas, para além disso, eu devo reter aquilo que o Senhor me quer dizer a mim, pessoalmente.

- Um Evangelho bem proclamado é muito mais importante que a homilia que se lhe segue, por mais bem elaborada que seja (e, isso, deve notar-se).

- A **Homilia** constitui uma parte importante da liturgia da Palavra, mas não pode afogar a que ainda é mais importante: a leitura da palavra de Deus. Por isso, é mau sinal, ou, pelo menos, fraco entendimento, escolher a Missa em que se participa apenas em função do pregador.

- A Homilia serve para sublinhar, para realçar os aspectos fundamentais e essenciais da palavra escutada, ajudar os fiéis na sua compreensão e a tirar para a sua vida as respectivas consequências; e não para evidenciar os dotes do pregador.

- O pregador fala em nome de Deus, irmão entre irmãos escolhido por Deus para falar em nome do próprio Deus (*in persona Christi*), e não para veicular opiniões pessoais, tendo como pretexto a palavra de Deus. O pregador serve a palavra de Deus (aclara-a, enaltece-a, aplica-a às situações concretas vividas pelos fiéis), mas nunca se pode servir da palavra de Deus.

- Segue-se a **Profissão de Fé** (*Credo*) – seguindo uma de duas fórmulas (niceno-constantinopolitana ou Símbolo dos Apóstolos).

- É a adesão solene às verdades humano-divinas proclamadas em toda a liturgia da Palavra, e a tomada de consciência de que a fé cristã não é, apenas, uma confiança abstracta em Deus, mas que se refere à obra concreta de Salvação que Deus-Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo realizaram e realizam nos homens.

- Não é uma oração individual, mas um acto de toda a Igreja, que excede as minhas hesitações provenientes da minha pouca fé individual.

- A mesa da liturgia da Palavra conclui com a **Oração dos Fiéis** ou **Oração Universal**.

No fim de escutar a palavra de Deus, de fazer eco dessa mesma palavra, de louvar e agradecer a Sua obra de Salvação e expressar a sua fé no Deus, Uno e Trino, Criador e Salvador, o povo de Deus reunido apresenta a esse mesmo Deus o mundo concreto em que vive e as suas necessidades temporais e espirituais.

- Por ser universal, a Oração dos Fiéis deve conter, pelo menos, 4 dimensões de petição:

- 1) A Igreja e as necessidades da sua missão;
- 2) Os dirigentes da causa pública e a vida temporal do mundo;
- 3) Aqueles que passam necessidades, dificuldades ou sofrimentos;
- 4) A comunidade local e as suas necessidades e aspirações.

- O fim/objectivo essencial desta Oração é apresentar diante de Deus todos os homens e as suas necessidades, sem pedir nada em concreto para este grupo ou aquele ou para esta ou aquela situação muito concreta, mas, com simplicidade e caridade, recordá-los perante Deus.

### **Liturgia da Eucaristia**

Se a liturgia da Palavra faz com que cada celebração seja diferente da outra (leituras diversas e diferentes), a liturgia da Eucaristia tem um conteúdo idêntico em todas as Missas – o conteúdo que lhe dá essência e fundamento – memorial da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Todas as Missas, em todos os lugares e tempos, são a mesma Missa: a da Páscoa de Cristo. E, todavia, sempre novas – já que a Páscoa de Cristo é actualizada em cada uma das Missas.

- A liturgia da Eucaristia começa com a **preparação das oferendas ou dos dons**. É um momento mais de gestos do que de palavras – está-se a preparar a mesa com os instrumentos e os dons (pão e vinho) com que Jesus Cristo se vai oferecer em sacrifício de amor ao Pai e nos vai arrebatara, a nós, nessa oferta.

- É um momento de calma entre dois tempos fortes e intensos da Missa: um que mobiliza toda a atenção da nossa mente e do nosso coração para escutar Deus que nos fala (a liturgia da Palavra) e outro que vai mobilizar todo o nosso espírito em comunhão com Cristo e os irmãos (a liturgia da Eucaristia).

- Durante a preparação dos dons, a assembleia está sentada.

- O centro da atenção da assembleia muda da mesa da Palavra (ambão) para a mesa da Eucaristia (altar).

- A preparação dos dons no altar é o dispor deste para que se torne mesa eucarística. Preparados os dons, o celebrante convida à **oração preparatória do sacrifício eucarístico** («*Orai, irmãos...*»).

- A preparação dos dons termina, efectivamente, com a **oração presidencial sobre as oferendas** (ou oblatas), que é recitada com a assembleia toda de pé. Esta oração opera a passagem para a **Oração Eucarística** – a maior e mais importante oração da Igreja.

- A partir daqui, a celebração eucarística torna-se praticamente só oração (coração a coração). Esta passagem não é fácil. Aqui, já não temos o alibi da palavra contextualizada, objecto da nossa análise e reflexão. Agora é intimidade pura de natureza vertical. Fé e abandono – a atitude da criança confiante no colo do Pai.

- A Oração Eucarística inicia com o **Prefácio**. O Prefácio representa o convite do Presidente, a que a assembleia responde em diálogo, para que os fiéis se associem a ele, sacerdote, na oração que, em nome de toda a comunidade, ele vai dirigir a Deus-Pai por intermédio de Jesus Cristo.

- O fim da Oração Eucarística é que toda a assembleia se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação (oferta) do Sacrifício. O Prefácio serve para nos indicar os motivos da acção de graças (há diferentes Prefácios, consoante os aspectos específicos do mistério da Salvação que estamos, em cada um dos dias, a celebrar).

- O Prefácio culmina com a aclamação explosiva de toda a assembleia Àquele que é 3 vezes Santo, ou seja, a santidade absoluta; e representa a glorificação ao Pai, fonte de todos os bens. A aclamação do «**Santo**» representa a união da Igreja terrena e da Igreja celeste num mesmo e único canto de louvor. Nele e por ele, toda a criação dá graças ao Senhor.

- E o Presidente faz-se eco da aclamação da assembleia: «*Vós, Senhor, sois verdadeiramente Santo, sois a fonte de toda a santidade...*». E continua a oração, invocando aspectos essenciais do mistério e da história da Salvação (que variam consoante a **Anáfora** escolhida).

- O momento central chega com a **Epiclese**, isto é, a invocação do Espírito Santo para que aquelas oferendas se encham da energia divina e se transformem realmente no Corpo e Sangue de Cristo.

**Advertência:** *A Oração Eucarística é uma oração presidencial. Isto quer precisamente dizer que não é uma oração do povo, mas uma oração que o sacerdote, in persona Christi, dirige a Deus e nela envolve o povo em oferta. Por isso fala no plural. Mas, na realidade, na Oração Eucarística, é Cristo que fala à comunidade pela voz do sacerdote, e não é a comunidade que fala a si mesma. A comunidade, todavia, tem ocasião de manifestar a sua*

*adesão através de algumas respostas ou exclamações que se realizam em alguns momentos concretos previstos pela estrutura da Oração.*

- Após a Epiclese, vem o **relato da Ceia de Jesus** (memorial da presença de Jesus no meio dos seus discípulos e renovação e actualização dessa sua presença no meio de nós, seus discípulos hoje). Aqui se recorre às próprias palavras de Jesus: «*Isto é o meu Corpo*», «*Isto é o meu Sangue*», a que se segue um pedido, que é um mandato: «*Fazei isto em memória de Mim*».

- Este memorial torna-se, assim, garantia da Páscoa definitiva, a qual antecipamos em cada Eucaristia. No fundo, cada Eucaristia celebrada é memorial (memória actualizada) daquilo que se passou, historicamente, há 2 mil anos e antecipação daquilo que se passará, escatologicamente, na Páscoa definitiva. Isto, aliás, é bem evidente nas Orações Eucarísticas, sobretudo na III e na IV.

- Ao memorial da Ceia, segue-se uma **2ª. Epiclese**, ou invocação do Espírito Santo, para que a obra realizada por Jesus Cristo continue em nós, que celebramos o memorial, e para que realizemos, nós também, enquanto comunidade de crentes, aquilo que Jesus realizou.

- Todavia, ainda que acção de graças e memorial da obra salvadora, a Oração Eucarística não esquece que a Salvação definitiva não chegou ainda e que estamos a caminho. Há um caminho duro e, por vezes, doloroso a percorrer; e, daí, a necessidade de, na Oração, recordar as necessidades da Igreja e do mundo. Não já de modo específico, como na Oração dos Fiéis, mas de maneira mais geral.

- A Oração Eucarística olha, portanto, em 4 direcções: o Pai, Jesus, o Espírito Santo e a Igreja, Condensa em si 4 formas de oração: louvor, comemoração, súplica, intercessão.

- A Oração Eucarística termina com uma aclamação final de carácter trinitário (**Doxologia**): «*Por Cristo, com Cristo e em Cristo...*», a que a assembleia exprime a sua adesão total respondendo «*Amen!*».

- Após a Oração Eucarística, seguem-se os **ritos da Comunhão**.

- É para este acto que conduz toda a celebração eucarística – alimentar-se do Corpo e Sangue de Jesus Cristo (o Banquete Pascal, para o qual é convidada toda a Igreja).

- A Comunhão propriamente dita é antecedida e preparada por 3 ritos: o Pai-Nosso, o gesto da Paz e a Fracção do Pão.

- Com o **Pai-Nosso**, a oração do Senhor e a oração dos filhos do mesmo Pai, convertemos em petição o que na Eucaristia se realiza e manifestamos o desejo de tudo aquilo que se nos vai dar sacramentalmente na Comunhão, ou seja, o pão deste mundo e o pão da vida, o reino de Deus, o perdão de Deus, a capacidade do perdão mútuo, a libertação do mal.

- O **gesto da Paz** tem um sentido profundo e comprometedor (não é um cumprimento de simpatia). Nele está envolvido o nosso compromisso de trabalhar pela comunhão e reconciliação entre os irmãos como condição para participar dignamente na mesa do Senhor.

- Não é um gesto de reconciliação individual apenas, mas de reconciliação comunitária. Com o gesto da paz universal que nos foi trazida por Jesus Cristo, dizemos que, sacramentalmente, as divisões entre os homens estão superadas, mas que, na realidade concreta e histórica, ainda não estão; mas que nós nos comprometemos a trabalhar incansavelmente para as superar.

- A **Fracção do Pão** seria, ou deveria ser, um gesto muito expressivo se as pessoas não se dispersassem a dar abraços e beijos a toda a gente que se encontra nas imediações, e se o sacerdote não se precipitasse a realizá-lo. De facto, era precisamente por este gesto que era intitulada a Eucaristia nas comunidades cristãs primitivas. Porque ele é o ponto culminante de toda a Eucaristia; porventura, o gesto mais simbólico de toda a celebração.

- O Pão é partido para significar que do único pão que é Jesus Cristo vai participar toda a assembleia, isto é, ela é uma comunidade porque se alimenta do mesmo pão – Jesus Cristo.

- Enquanto se fracciona o Pão, canta-se ou recita-se o «**Cordeiro de Deus**», que quer significar que aquele pão partido é Jesus Cristo partido e entregue à morte por nós.

*(Aqui cabe uma referência ao gesto de colocar no cálice uma pequena partícula de pão – costume muito antigo em que em todas as Igrejas se colocava no cálice um pedaço do pão consagrado na Missa celebrada pelo Bispo – sinal de comunhão com o seu pastor de todas as comunidades, significando, ao mesmo tempo, que todas as Missas em todas as igrejas são a “replicação” da Missa celebrada pelo Bispo na sede diocesana).*

- Segue-se, então, a distribuição do pão, ou **Comunhão** propriamente dita, em que os fiéis, em procissão, se aproximam da mesa do Senhor.

- Terminada a Comunhão, deveria haver uns momentos de silêncio e recolhimento, de interiorização e acalmia em relação à intensidade do acto da comunhão.

- O rito da Comunhão termina com a **Oração depois da Comunhão**.

**Ritos de Conclusão**

-É o momento em que o Celebrante invoca sobre toda a assembleia, que a seguir se vai dispersar, a força e a **bênção** de Deus, para que aquilo que se celebrou continue a actuar em cada um e na comunidade. Para que a festa do Domingo continue e se repercute na vida quotidiana com a graça e a paz do Senhor.

- Com estes ritos, a celebração eucarística abre-se ao exterior: torna-se missionária. Deus abençoa e envia: «*Ide em paz...*».

- Não há qualquer dúvida: o culto cristão não é um acto pontual e separado no interior da nossa vida quotidiana – desemboca em compromissos concretos.

*Fátima, 13 de Dezembro de 2008*

**Diác. Acácio Lopes**